

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PARAIBA
Setor de Doc. e História Regional
CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

M O N O G R A F I A

A PRÁTICA EDUCATIVA DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE

BASE: O CASO DE AROEIRAS - PARAIBA

CAMPINA GRANDE - PARAIBA

1 9 9 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado em História do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, sob a orientação da professora Doutora Maria da Guia Santos Gareis.

AMARÍLIS MARINHO BARBOSA

Campina Grande - Paraíba

1 9 9 2



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe e as mulheres do campo - especialmente de Aroeiras - sonhando com relações novas numa sociedade diferente.

Com estas mulheres aprendi ternura e esperança. Elas geraram em mim o desejo de me colocar a serviço de sua Luta.

S U M Á R I O

AGRADECIMENTO	05
INTRODUÇÃO	06
I. O SURGIMENTO DAS CEBs NO BRASIL	08
1. Origem e Multiplicação das CEBs	08
2. O Papel das CEBs na Transformação da Sociedade	12
II. AS CEBs NA PARAÍBA: O CASO DE AROEIRAS	16
1. Situação sócio-econômica do Município de Aroeiras	16
2. A Atuação da Diocese de Campina Grande	19
3. Quem são as CEBs em Aroeiras?	22
4. Os Agentes Pastorais e o Processo Educativo nas CEBs	24
III. AS LUTAS DAS MULHERES EM AROEIRAS ATRAVÉS DAS CEBs	28
1. Olhar Sobre a Realidade da Mulher em Aroeiras	28
2. Participação da Força de Trabalho Feminino na Economia	29
3. A Luta das Mulheres pela sua Cidadania e Direito à Vida	30
CONCLUSÃO	32
FONTES DOCUMENTAIS E LITERATURA	33

A G R A D E C I M E N T O

Às amigas: Socorro Santos, Ana Campos, Catarina Ryan e Mariinha Correa pelas palavras de estímulo e pela contribuição oferecida em vários momentos ao longo da realização deste trabalho.

À professora Maria da Guia S. Gareis pela dedicação com que me acompanhou e pela partilha de suas experiências.

A todos que, direta ou indiretamente, me auxiliaram nesta batalha.

Minha Gratidão.

I N T R O D U Ç Ã O

O Curso de Bacharelado em História vem permitindo que os alunos adquiram uma melhor compreensão da realidade que os cerca, o que tem possibilitado uma formação mais sólida para que como agentes da História possam contribuir na transformação da sociedade.

Para conclusão do curso de Bacharelado é necessário a elaboração de um trabalho de monografia, o qual deve ser realizado sobre um tema de interesse do aluno.

Na tentativa de oferecer uma contribuição para a história do povo do município de Aroeiras - terra onde nasci - o tema escolhido aborda o trabalho que as Comunidades Eclesiais de Base vêm realizando naquela localidade.

Aroeiras é uma pequena porção do Estado da Paraíba. Sua população convive em meio a muitas dificuldades, sofrendo imensamente o desrespeito aos seus direitos sociais.

Neste esforço, resolvemos realizar um trabalho de pesquisa em torno da única experiência de educação popular existente em Aroeiras, ou seja: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Zona Rural. E, ainda, enfocando a questão da Mulher pelo fato de este grupo representar uma força incansável de resistência à opressão e estruturas injustas, por sua grande capacidade de organização.

O cotidiano da mulher camponesa - especialmente - é um constante apelo a vida. A mulher do campo está sempre às voltas com crianças, com saúde, com nutrição, com vestuário, habitação, educação, arte, e, finalmente, nos últimos tempos, com cidadania.

Percebendo as CEBs como espaço de educação popular, propusemo-nos a trabalhar questões como: As CEBs estão contribuindo para as mulheres conquistarem ou construírem sua cidadania? Em que medida já se tem alcançado esta cidadania? O processo é conflitivo? Como se dá mesmo o processo educativo das CEBs?

Na metodologia deste trabalho as técnicas utilizadas foram: conversas informais; entrevistas; consulta às fontes documentais (relatórios de encontros - principalmente) e uma bibliografia especializada sobre o tema.

Trata-se, também, de uma pesquisa, descritiva/analítica; e na tentativa de resgatar a fala dos agentes históricos do objeto da pesquisa, foi utilizado também a observação participante (metodologia participativa), devido a prática do trabalho que realizamos nas Comunidades de Aroeiras.

No decorrer deste trabalho enfrentamos muitas dificuldades ligadas, antes de tudo, à falta de dados com relação ao Município e, no caso das CEBs, enquanto acontecimento no Nordeste e, particularmente, no Estado da Paraíba.

I. O SURGIMENTO DAS CEBs NO BRASIL

1. Origem e Multiplicação das Comunidades Eclesiais de Base

A América Latina tem aberto novo caminho, novo modo de fazer Teologia. Isso se deve a uma gama de experiências pastorais sobre as quais a reflexão teológica bebe sua inspiração. A práxis das Comunidades Eclesiais de Base constitui o dado concreto. Pelo fato de se tratar de uma experiência viva e dinâmica de prática social e eclesial voltada para a realidade dos pobres, as CEBs apresentam questões novas e relevantes à Teologia. Segundo o teólogo Leonardo Boff, "as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação são dois momentos de um mesmo processo que parte do povo. As CEBs representam a prática da libertação popular e a Teologia da Libertação, a teoria desta prática". (1)

Conforme a Teologia da Libertação a visão da Igreja dependerá essencialmente do modo como se realiza a articulação de três eixos fundamentais: Reino-Mundo-Igreja, ou seja: dependendo do modo como se dá essa articulação ter-se-á uma compreensão de Igreja comprometida ou não na caminhada da Libertação. Mas, o que significa Reino, Mundo e Igreja?

O conceito de Reino abrange três dimensões: na dimensão pessoal, Reino compreende a gestação do homem novo e da mulher nova; na dimensão social, Reino significa uma Sociedade Nova sem oprimidos e opressores, sem dominadores e dominados; enquanto que a dimensão escatológica significa o futuro transfigurado, o fim, futuro bom de toda a criação.

Mundo é compreendido em dois aspectos: como conjunto da criação de Deus: a natureza; e como sociedade: as relações sociais.

Igreja refere-se àquela parte do mundo, conjunto de pessoas, que conscientizam-se da presença do Reino, celebram o Reino, fazem do Reino projeto de sua vida.

De forma que para a Teologia cristã o Reino de Deus penetra a Igreja, e a Sociedade. Passa pelo mundo sem precisar, necessariamente, do signo religioso. Vai além da Igreja. O Reino é a realidade que engloba o Mundo e a Igreja. O Mundo é lugar do acontecimento histórico do Reino e da ação da Igreja.

(1) BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo. São Paulo, Círculo do Livro, 1986, p. 105.

Com a passagem do Cristianismo de religião perseguida a religião privilegiada pelo Estado (sec. IV), o número dos cristãos cresceu muito, e as pequenas comunidades deram lugar às grandes massas. Esse fenômeno foi levando à diminuição da formação cristã da adesão firme na fé e do sentimento de comunidade. Esta realidade foi se avolumando no decorrer dos séculos até chegar aos nossos dias.

"A Eclesiologia que vigora na experiência das pequenas comunidades reflete um processo no qual a articulação Reino-Mundo-Igreja vai se realizando de maneira bem reveladora. As Comunidades Eclesiais de Base têm consciência explícita de ser Igreja e de estar a serviço do Reino atuando no coração da história". (2)

"... A inserção, cada vez mais profunda, do continente latino-americano no sistema capitalista transnacional trouxe contradições sociais que foram imediatamente sentidas e elaboradas pelas camadas populares, marginalizadas em face dos benefícios do desenvolvimento. Com a implantação dos regimes de Segurança Nacional e a consequente repressão dos canais populares (partidos, sindicatos, associações operários, camponeses etc.), as comunidades de base representam a expressão religiosa da mobilização popular que, em toda a América Latina e em frentes distintas ganhou corpo nos anos 60, assumindo, de fato, para além do seu significado primeiro, o religioso, uma importância social considerável". (3)

O processo da gênese das CEBs no Brasil provém de duas vertentes fundamentais: a primeira está relacionada ao contexto sócio-cultural e eclesial brasileiro e a segunda ao contexto eclesial mais amplo.

No contexto sócio-cultural e eclesial brasileiro pode-se afirmar que a união de vários fatores significativos prepararam as condições prévias ao surgimento das CEBs. Ressalta-se a própria tradição leiga do Catolicismo Popular, que marcou o dinamismo da vida da Igreja no Brasil até a metade do século XIX (fator mais remoto). Também a própria crise da instituição Igreja - crise da paróquia, ausência de ministros ordenados para o atendimento da população etc. É legítimo afirmar que estava na base de grande parte das iniciativas e movimentos que se desenvolveram no Brasil na década de 1950 e inícios de 1960, a necessidade de renovação de toda a ação pastoral da Igreja. Em todas essas iniciativas e movimentos os leigos assumiram maiores responsabilidades.

(2) TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. Comunidades Eclesiais de Base - Bases Teológicas. Petrópolis, Vozes, 1988, pp. 29-30.

(3) BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo, ob. cit., pp. 105-106.

Reportando a estes movimentos e iniciativas podemos agrupá-los da seguinte maneira: os que se voltaram para a educação de base e a Evangelização comunitária como: O Movimento dos Catequistas Populares de Barra do Piraí (Rio de Janeiro), a Experiência Pastoral de Nízia Floresta e o Movimento de Educação de Base (MEB) de Natal, Rio Grande do Norte; os que contemplaram a afirmação da cidadania do laicato: Ação Católica Especializada principalmente a JUC (Juventude Universitária Católica) e JEC (Juventude Estudantil Católica); Aqueles preocupados com a renovação e planificação da Pastoral: Movimento por um Mundo Melhor e os Planos de Pastoral da CNBB: Plano de Emergência e Plano de Pastoral de Conjunto; também aqueles que se preocuparam com a rearticulação da Pastoral Popular sob pressão da situação política sobretudo após o golpe militar de 1964.

Todavia, na complexa questão da gênese das CEBs no Brasil, necessário se faz destacar no contexto eclesial mais amplo, a realização do Concílio Vaticano II (grande horizonte intra-eclesial de renovação, abertura e liberdade) com toda sua contribuição na redefinição da própria missão da Igreja; bem como as importantes decisões advindas das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979): momentos em que foram feitas adaptações das decisões do Concílio à realidade da América Latina. As Conferências de Medellín e Puebla foram fundamentais na decisão do engajamento da Igreja da América Latina no campo social e no assumir uma opção pelos pobres e pela libertação integral.

Na visão de Faustino L. C. Teixeira "... O Vaticano II produziu no contexto latino-americano um inaudito protesto de aceleração eclesial abrindo as fronteiras da Igreja para o campo social, despertando-a para uma nova sensibilidade eclesial, facultando-lhe espaço para experiências criativas e originais!"(4)

Considere-se que de um lado se tem a Igreja em acelerado processo de renovação e, de outro lado, a efervescência popular no país seguida da noite repressiva em razão do golpe militar de 1964.

Tendo sido apresentados vários fatores que possibilitaram a emergência das CEBs no Brasil é errôneo afirmar que as CEBs foram simplesmente fruto de determinados fatores ou uma continuidade dessas experiências pastorais anteriores. Na realidade elas

(4) TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. Comunidades Eclesiais de Base - Bases Teológicas, ob. cit.

têm características bem peculiares e originais, instaurando uma ruptura em relação às experiências precedentes e imprimindo um novo ritmo de prática pastoral haja vista seu caráter "popular", singular, definido pela superação do clericalismo, elitismo, protecionismo e visão apologética, presentes ainda em muitas das experiências consideradas precursoras.

Contudo, "é difícil precisar com exatidão as primeiras experiências que deram início propriamente dito às CEBs no Brasil. Já a própria definição de CEBs é sujeita a interpretações não homogêneas o que torna complexa a tarefa de determinação de sua origem. Alguns estudos tendem a atribuir a origem da experiência já mesmo por volta de 1960. Outros estudos, como por exemplo a pesquisa elaborada por Pedro Demo e Elizeu F. Calsing, indicam que as primeiras experiências originaram-se em 1964. Entretanto, pode-se afirmar que foi mesmo a partir do Concílio Vaticano II e, no contexto do amplo movimento popular que sacudiu o Brasil na década de 60, que a experiência ganhou foros de cidadania". (5)

Mesmo não sendo possível encontrar uma definição única e abrangente das CEBs, alguns traços característicos podem ser esboçados: São Comunidades: primeiramente por se tratar de grupos primários e vizinhos (reúne membros de uma mesma territorialidade) com relações imediatas e participação igualitária. Em segundo lugar, trata-se de uma comunidade eclesial: o elemento religioso constitui o princípio estruturante; o Evangelho e o próprio sentido de pertença à Igreja é que propiciam a formação da comunidade. Portanto, estando presente os elementos: Palavra de Deus e o culto regular, a dinâmica participativa e os serviços ministeriais, o compromisso com os pobres e a relação motora entre Fé e Vida (compromisso efetivo com os pobres e seu projeto de libertação). A Comunidade Eclesial possui uma característica de Base porque seus integrantes são pessoas das camadas populares pobres, da base da sociedade como: operários, empregados, subempregados, donas-de-casa, composeses, pequenos proprietários, lavadeiras, domésticas, biscateiros, e outras ocupações ditas das camadas "inferiores" da sociedade. Pertencem também à base da Igreja, pois se trata de leigos, simplesmente cristãos.

As Comunidades Eclesiais de Base nasceram sobretudo a partir da segunda metade da década de 60, mas a sua multiplicação e amadurecimento ocorreu nos anos 70. No início, muitas das CEBs eram experiências isoladas no interior das paróquias ou dioceses. Progressivamente a elas se expandiram e surgiu então a idéia de uma maior ar

(5) TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. A Gênese das CEBs no Brasil: Elementos

ticulação, dando origem aos "Encontros Intereclesiais de CEBs".

É necessário ressaltar que as Comunidades se afirmam no Brasil num período caracterizado por uma intensa repressão a todas as formas de resistência ao regime militar. A partir do Ato Institucional nº 5 (AI5-1968), os canais de organização popular foram violentamente desarticulados, suas lideranças perseguidas, presas, torturadas ou obrigadas ao exílio. Nesta conjuntura as CEBs começaram a se organizar, celularmente, recriando formas de resistência popular nos bairros, reforçando laços de solidariedade e reanimando a esperança dos pobres.

Os anos 70 marcaram a fase de grande efervescência das CEBs, da vitabilidade da articulação dialética entre fé e vida, de sua atuação pública mais definida. O fechamento da conjuntura política e o bloqueio dos vários canais de expressão popular, favoreceram a atuação das pastoral popular e seu compromisso com a causa da vida. A situação de agravamento da pobreza do povo, da violação dos direitos humanos e da repressão generalizada consolidou a urgência do compromisso de engajamento social de setores da Igreja, particularmente aqueles envolvidos com as CEBs.

Nesta ocasião, a conjuntura eclesial mais ampla estimulava este compromisso social, pois a Igreja percorria os caminhos dos pós-Concílio realizando suas decisões e incentivando as experiências inovadoras.

2. O Papel das CEBs na transformação da Sociedade

Em qualquer tentativa de análise ou compreensão do papel das CEBs na transformação da Sociedade, torna-se imprescindível reportar ao momento histórico vivido pelo país, quando as mesma emergiram.

No início dos anos 60 evidenciou-se no Brasil um enorme crescimento da participação popular tanto no campo, como na cidade. Para as classes dominantes esta ampla mobilização representou uma ameaça crescente à estabilidade das suas várias frações e setores aliados aos interesses multinacionais. O Povo ansiava por transformações nas estruturas sociais.

O temor das possíveis reformas sociais advindas ao país como consequência das exigências do intenso Movimento Popular fez com que as classes dominantes lideradas por uma "elite orgânica" tecnopresarial-militar, organizada no complexo IPES/IBAD (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e Instituto Brasileiro de Ação Democrática), passassem a defender como alvo estratégico a tomada do poder de Estado. E para isso, agiram lançando mão de uma vasta e complexa campanha política, ideológica e militar, visando a manipulação da

opinião pública, a doutrinação e a guerra psicológica. Objetivavam "impedir a solidariedade das classes trabalhadoras, conter a sindicalização e mobilização dos camponeses, apoiar as clivagens ideológicas de direita na estrutura eclesiástica, desagregar o movimento estudantil e bloquear as forças nacional-reformistas no Congresso e, ao mesmo tempo, mobilizar as classes médias como a "massa de manobra" da própria elite orgânica" (6). A intensa mobilização do povo brasileiro que exigia reformas sócio-econômicas de base foi violentamente reprimida pelo golpe militar em abril de 1964.

Seguiu-se a esse acontecimento uma grande repressão contra qualquer trabalho de organização popular. As organizações sindicais, o MEB (7), a Ação Católica (8) sofreram diretamente os efeitos da ditadura militar. Seus militantes quando não sofreram pressões e torturas foram forçados ao exílio. A acusação mais repetida era de "infiltração comunista" e de "subversão" pelos que implantavam à força no país um Capitalismo selvagem à custa de exploração e opressão das classes populares. A repressão foi muito forte sobre os movimentos populares e sobre todos aqueles que não compactuaram com o modelo econômico e político que ora se impunha.

Na visão de René Armand Dreifuss, o golpe militar não foi, portanto, apenas uma efêmera intervenção das forças armadas nas atividades do governo, mas um "movimento de classe, estrategicamente e cuidadosamente desenvolvido em direção a uma contenção das forças populares" (9).

É neste tempo por demais difícil, quando a falta de liberdade política impedia a organização de canais alternativos de participação política da população em defesa de seus interesses que, sendo a religião o eixo de referência cultural do povo brasileiro, a Igreja comprometida com a pastoral popular vai possibilitar um espaço físico de encontro, espaço de discussão, de prática democrática e de apoio e abrigo de diversas lutas. É também sabido que durante o golpe ocorreu uma profunda divisão do episcopado e de setores do mundo católico organizado. Nem sempre os leigos militantes tiveram o apoio institucional da Igreja. Só após o AI5 (1968), com

(6) DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado; Ação Política, Poder e Golpe de Classe, 2ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1981.

(7) O Movimento de Educação de Base (MEB) foi um dos movimentos mais amplos empreendidos pela Igreja no campo de educação popular no Brasil. Nasceu como uma alternativa às Ligas Camponesas, tendo um cunho nitidamente anti-comunista. Progressivamente, tomou um sentido de conscientização e formação de base.

(8) A Ação Católica Brasileira foi um dos movimentos que contribuiu decisivamente para uma participação social e política dos cristãos. O movimento foi oficializado no Brasil no ano de 1935 por Dom Leme, sob o incentivo direto de Pio XI, tendo como presidente Alceu de Amoroso Lima.

o agravamento da repressão, é que os setores da Igreja considerados de centro e até mesmo conservadores vão se mostrar indignados com a situação (10).

Diante do quadro político pós 64 as classes populares se viram obrigadas "a forjar formas de resistência próprias, a reforçar laços de solidariedade, (re)criar novas formas de organização: clubes de mães, associações de bairros, mutirão, greves-tartaruga, assim como revoltas espontâneas (quebra-quebra em estações ferroviárias, ônibus, em canteiros de obras) etc" (11). E a maior parte dos movimentos populares foram organizados de forma defensiva.

Neste contexto de repressão à palavra as CEBs emergem. Em São Paulo elas "funcionaram como células de criação e animação dos movimentos de bairro. Iniciados em torno de reivindicações locais, alguns ganharam amplitude nacional como o Movimento de Custo de Vida (que em campanha popular obteve mais de um milhão de assinaturas, apostas em documento entregue ao Governo Federal) e o Movimento contra a carestia" (12). Também muito importante foram: o Movimento contra os loteamentos clandestinos, o Movimento de favelas e também os Centros de Defesa dos Direitos Humanos.

Em iniciativas populares como na organização de sindicatos livres, nas greves do metalúrgicos, no aparecimento do Movimento contra o Custo de Vida, nas lutas pelos direitos dos camponeses e dos índios, as CEBs contribuíram decisivamente, com grande importância tanto na articulação dos movimentos populares como na redefinição da ação pastoral.

Neste esforço de apreender a dimensão social e política das Comunidades Eclesiais de Base convém olhar o passado e, antes de tudo, perceber a índole libertadora que a fé cristã assumiu nas comunidades, cujo sentido eclesial é bastante forte.

Sabe-se que a religião cristã ao longo da história do Ocidente, e especialmente na época da colonização ibérica no nosso continente, como também em períodos mais recentes, serviu de aparelho ideológico de legitimação dos poderes dominantes. Todavia nas comunidades a fé cristã tem assumido um caráter libertário emergindo

(10) SOUZA, Herbert José de. Juventude Cristã Hoje. In: CARDONNEL, Thomas, et alii. Cristianismo Hoje, op. cit., p. 102.

(11) LESBAUPIN, Ivo. A Igreja Católica e os Movimentos Populares Urbanos.

(12) SINGER, Paul. Movimentos de Bairro. In: _____, e BRANT, Vinícius Caldeira. (org) São Paulo: O Povo em Movimento.

uma função de mobilização, contestação e libertação.

Este esforço pela transformação como foi afirmado não fica apenas num nível de conscientização. A mobilização popular nas comunidades cristãs, em nome do Evangelho, faz-se em função de interesses muito concretos, como a obtenção de escola no bairro, de calçamento, de água, de transporte, o custo de vida, reivindicações salariais etc.

Segundo Leonardo Boff, a religião significa a cosmovisão natural do povo pobre. A nível popular não existe uma distinção clara entre política e fé: tudo forma uma realidade única; a fé desdobra-se politicamente de forma natural; a fé não é acrescentada à política; esta decorre daquela. Também explica que a dimensão libertadora da religião só vem à tona quando o povo se liberta de certo tipo de leitura do capital religioso que oculta as contradições da sociedade (13).

Faustino L. C. Teixeira (14) analisando as CEBs diante da nova conjuntura política de transição ou "abertura": anos 80, afirma: "na medida em que as CEBs já estavam empenhadas em incentivar e fortalecer seus participantes na luta libertadora, a experiência de transição política foi para as mesmas fator de incremento e aprofundamento da questão política".

Para participantes do IV Encontro Intereclesial de CEBs (15) em discussão sobre o tema do "serviço na política" as CEBs são reconhecidas como "o lugar onde devemos viver, aprofundar e celebrar a nossa fé, onde devemos confrontar a nossa vida e nossa prática com a luz da Palavra de Deus. Na Comunidade Eclesial de Base devemos buscar a força para nos animar na luta que fazemos, seja no bairro, seja no campo, seja no mundo do trabalho, seja no partido político!"

As Comunidades, portanto, não são uma realidade fechada sobre si mesma; na verdade, trata-se de "um conjunto de relações sociais de raiz religiosa, mas que penetra todo o tecido social popular". Mediante a reflexão religiosa e a sensibilidade moral, é que as comunidades atingem os problemas políticos e sociais e também dão sua parcela de contribuição à transformação da sociedade.

(13) BOFF, Leonardo. E a Igreja se Fez Povo. São Paulo, Círculo do Livro, 1986, p. 109.

(14) TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. As CEBs no Brasil: Cidadania em Processo. Juiz de Fora, 1992, p. 5 (mimeografado)

(15) Os Encontros Intereclesiais de CEBs surgiram a partir da idéia de um grupo de bispos (entre os quais Dom Luís Fernandes, na época bispo de Vitória-ES) de fazer um Encontro Nacional do povo que trabalhava nas CEBs para favorecer a troca de experiências e uma maior articulação entre as Comunidades. O 1º Encontro Intereclesial aconteceu nos dias 6, 7 e 8 de janeiro de 1975 na cidade de Vitória-ES. O 4º Encontro mencionado no texto, aconteceu em Itaipá-SP entre os dias 20 e 21 de janeiro de 1981.

II. AS CEBs NA PARAÍBA: O CASO DE AROEIRAS

1. Situação sócio-econômica do município de Aroeiras

O município de Aroeiras está situado na micro-região Cariris Velho. Tem uma área de 797 Km² (12º lugar na Paraíba). Dista da capital, 137 quilômetros, com uma altitude de 300 metros.

Aroeiras tem clima temperado, com máximas de 30º C e mínimas de 18º C. O inverno tem seu início em fevereiro, terminando em agosto, com uma pluviosidade média de 500 mm. O município passa por longas estiagens e a população sofre duramente as consequências.

O solo é predominantemente argiloso e argiloso silicoso, apresentando uma topografia de partes onduladas e partes acidentadas.

Conforme dados do IBGE de 1980 Aroeiras tinha uma população total de 27.077 habitantes. O censo de 1991 revela uma população total de 28.805 habitantes, sendo 13.987 homens e 14.818 mulheres.

A emancipação política do município foi conseguida através da Lei nº 980, de 2 de dezembro de 1953. A atual administração conta com o Prefeito e vice, secretários e treze vereadores formando o Legislativo Municipal.

A base econômica do Município reside na exploração agrícola, cujos produtos principais são: milho e feijão, e na exploração pecuária: bovinocultura de leite. A pecuária tem um razoável desenvolvimento, assim como o comércio local. No último dia da semana se realiza uma feira livre na cidade onde a população rural vende e compra seus produtos (16).

As principais ocupações são: agricultores, trabalhadores rurais, lavadeiras, costureiras, feirantes, vendedores, artesãos (em número reduzido) de artigos de barro e palha; e muitas outras atividades econômicas informais, como: doceiras, bordadeiras etc.

Há também funcionários públicos, professores, comerciantes e fazendeiros.

O poder aquisitivo da população é muito baixo. A seca prolongada, a falta de incentivos e condições para o trabalho agrícola, e a fixação do homem no campo, leva a altos índices de êxodo rural, sobretudo para o sudeste do país. Outra parte considerável da força de trabalho masculina, principalmente durante a seca, vai pres

(16) Dados obtidos na Sede da EMATER do município de Aroeiras-PB.

tar serviço às Usinas de Pernambuco no corte da cana-de-açúcar. Estes trabalhadores não são vinculados legalmente às empresas e, portanto, estão excluídos de qualquer direito ou benefício concedido aos trabalhadores, conforme a Legislação Trabalhista, embora assumam um trabalho duro e em péssimas condições.

A luta pela sobrevivência é enorme. O povo vive precariamente, mergulhado no subemprego, sem a devida assistência do Governo, antes de tudo, nos serviços essenciais: educação, saúde, habitação, transporte, seneamento básico etc.

Verificando o quadro da Educação no município constata-se que a rede municipal conta com 96 salas de aula na zona rural e 43 grupos escolares espalhados no campo e na cidade. Há uma só escola de 2ª fase do 1º grau mantida pelo município. O quadro docente municipal integra 233 professores atualmente (17). É possível chegarmos a algumas constatações a partir dos números da Tabela abaixo:

TABELA 1: Evasão de alunos por série nas Escolas Municipais da Zona Rural de Aroeiras. 1ª Fase do 1º Grau - 1991.

SÉRIE	MATRÍCULA INICIAL	E V A S Ã O	
		NOMINAL	EM %
Alfabetização	1.457	612	42%
1ª	1.110	551	49,6%
2ª	632	238	37,6%
3ª	365	149	40,8%
4ª	282	131	46,4%
TOTAL	3.846	1.681	43,7%

FONTE: Órgão Municipal da Educação de Aroeiras - PB, 1991.

A realidade educacional se apresenta deficiente. Os dados fornecidos pelo Órgão Municipal da Educação com relação ao ano letivo de 1991 mostram no total geral de alunos matriculados, que correspondeu a 3.846 alunos uma alta taxa de evasão: 1681 alunos. Em percentuais significa dizer que 43,7% dos alunos matriculados deixaram a Escola. E estes dados são só do ano 1991.

(17) Dados da Secretaria da Educação e Cultura do Município de Aroeiras-PB.

Observando os dados da Evasão por série, verifica-se que os alunos da 1ª série foram os que mais abandonaram. De 1.110 alunos matriculados, 551 ou 49,6% não chegaram a concluir o ano letivo, permanecendo em sala de aula apenas 559 alunos (18).

TABELA 2: Aprovação de alunos por série nas Escolas Municipais da Zona Rural de Aroeiras. 1ª Fase do 1º Grau - 1991.

SÉRIE	PERMANÊNCIA EM SALA DE AULA	A P R O V A Ç Ã O	
		NOMINAL	EM %
Alfabetização	845	812	96,1%
1ª	559	459	82%
2ª	394	341	86,5%
3ª	216	196	90,7%
4ª	151	130	86,1%
TOTAL	2.165	1.938	89,4%

FONTE: Órgão Municipal da Educação de Aroeiras - PB., 1991.

TABELA 3: Reprovação de alunos por série nas Escolas Municipais da Zona Rural de Aroeiras. 1ª Fase do 1º Grau - 1991.

SÉRIE	PERMANÊNCIA EM SALA DE AULA	R E P R O V A Ç Ã O	
		NOMINAL	EM %
Alfabetização	845	33	3,9%
1ª	559	105	18%
2ª	394	53	13,5%
3ª	216	20	9,3%
4ª	151	21	13,9%
TOTAL	2.165	232	10,6%

FONTE: Órgão Municipal da Educação de Aroeiras - PB., 1991.

O índice geral de aprovação excetuando os números de evadidos, foi de 89,4% e reprovação de 10,6% com maiores índices na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

(18) Segundo dados da Secretaria da Educação e Cultura do Município de Aroeiras - PB.

Embora os dados evidenciem uma sensível diferença nos percentuais de aprovação/reprovação, por estes terem sido calculados a partir do número de alunos que permaneceram em sala de aula, é questionável a qualidade ou os parâmetro desta aprovação, quando este sistema de ensino foi incapaz de evitar que quase a metade das crianças matriculadas deixassem a escola.

Não está sendo feita aqui uma análise do processo ensino-aprendizagem nas escolas rurais de Aroeiras, mas é sabido que as condições de trabalho para os professores são bastante precárias. Os prédios nos quais funcionam as escolas, têm uma péssima infraestrutura. Há falta de material didático e um grande número de professores leigos que não recebe uma conveniente orientação pedagógica. Outra, variável considerável que também interfere neste processo é a questão salarial. Atualmente uma professora da 1ª fase em Aroeiras, percebe um salário de Cr\$ 59.000,00, que muitas vezes é recebido com atrasos (19).

2. A Atuação da Diocese de Campina Grande para o surgimento das CEBs

A Igreja Católica no Brasil é organizada em 16 regionais. Cada regional compreende várias dioceses de até mesmo diversos estados que procuram trabalhar conjuntamente. A C.N.B.B. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é o órgão maior que congrega todos os regionais no país.

A Diocese de Campina Grande localizada no Estado da Paraíba, está dentre as 22 dioceses que integram o Regional Nordeste II, este, abrangendo os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (20).

O Regional Nordeste II tem na sua história um rastro de movimentos eclesiais de cunho libertador como ACR, MEB, ACO, JOC, MAC (final dos anos 60 e 70) e também muitos movimentos de evangelização com quadros fixos de reflexão bíblica.

Esta Igreja marcada pela existência de movimentos viveu uma mudança de valores, mas não uma mudança de estruturas na base institucional. Como os movimentos transcendem a paróquia, até a Diocese, eles escapam ao poder do clero local e também não incomodam a estrutura hierárquica na sua organização. Por isso, houve uma certa coexistência pacífica desses movimentos com a Igreja, tradicionalis

(19) O quadro docente do município de Aroeiras é constituído na sua maioria por professores leigos. O vencimento salarial indicado corresponde ao salário do professor leigo da 1ª fase do 1º grau neste município.

(20) "A Diocese ou Igreja Particular corresponde a Igreja de Cristo estabelecida numa porção do povo de Deus que vive num território delimitado, por motivos administrativos e pastorais, e é encabeçada pelo bispo": Dom José Maria Mai

ta. Outro fator importante é que vivia-se em época de ditadura militar. Formava-se um só bloco entre aqueles que faziam uma análise dialética da realidade e que tinham uma opção de classe pelos embopecidos e aqueles que, meramente, faziam um julgamento moral sobre a sociedade (MDB bom, ARENA ruim; Igreja boa, Estado militarista ruim).

Os movimentos levaram a Evangelizar a partir da realidade do povo (o meio popular) e não, exclusivamente, a partir do território (a paróquia); ajudaram a integrar no trabalho pastoral uma análise crítica, dialética da realidade; desenvolveram com o método VER-JULGAR-AGIR uma espiritualidade libertadora; contribuíram para uma Igreja mais leiga, mais participativa, com organismos para coordenar a pastoral popular: criação do Conselho Diocesano de Pastoral, Assembleia Regional com todos esses movimentos eclesiais (com suas respectivas coordenações regionais) e coordenações diocesanas.

O documento "Eu Ouvi o clamor do meu Povo", de 1973 é símbolo desta fase.

No final dos anos 70, início dos anos 80 surgem as CEBs como novo jeito que atinge todo o ser da Igreja. Alguns fatores contribuíram para as CEBs emergirem no NE II. Adiante apresentamos alguns deles:

- a grande seca de "79-83", que mobilizou a Igreja nas bases: muitas CEBs devem sua origem a projetos alternativos;

- a "abertura democrática" iniciada com o Presidente Figueiredo em 79: possibilitou a diferenciação e desenvolvimento, no sentido popular, da sociedade civil: greves, sindicalismo combativo, fundação do partido dos Trabalhadores, surgimento de todo tipo de movimento popular.

- aumento do número de religiosas trabalhando no meio popular : significou grande contingente de agentes pastorais que se dedicam à formação de CEBs;

- as CEBs ganham espaço pastoral e teológico, a nível nacional, através dos encontros intereclesiais: em 1978 (dias 19-23/07) realiza-se o III Encontro Intereclesial de CEBs em João Pessoa-PB.

Em 1983 as CEBs vão ser prioridade pastoral no Regional NE II. A partir daí começou um trabalho organizado a nível regional, para a estimulação, articulação e assessoria das CEBs.

O documento "Objetivo Geral e Diretrizes da Ação Missionária da Igreja no Nordeste", de 1987, marca esta fase.

Na Diocese de Campina Grande o surgimento das CEBs se deveu a toda uma caminhada realizada em comunhão com as outras Dioceses do Regional Nordeste II, portanto mergulhada no contexto apresentado anteriormente. Mas com a chegada de Dom Luís Fernandes em 1981, é que foi dado início ao trabalho planejado, refletido e discutido com vistas a organização das CEBs. Dentre os elementos importantes neste processo destaca-se a chegada das diversas equipes de agentes pastorais e todo esforço realizado para a descentralização das Paróquias.

Assim, com muito estudo da realidade, planejamento e avaliações foi sendo definido o projeto de Igreja de Campina Grande.

A preocupação com a pedagogia do trabalho popular sempre esteve presente nos agentes pastorais. Os leigos, freiras e padres que iniciaram o processo de organização das comunidades frequentemente se reuniam para estudar, avaliar, planejar, descobrir novas pistas, trocar experiências. E enfim, para refletir a prática pastoral e se ajudarem diante das dificuldades.

Verificando relatórios desta época pode-se perceber um pouco da história. Por exemplo, cita-se um trecho do Relatório do Encontro dos Acompanhantes das CEBs realizado nos dias 12 e 13 de janeiro de 1984:

"Estivemos reunidos em Soledade nos dias 12 e 13 de janeiro do corrente ano, todos os acompanhantes das Pequenas Comunidades em formação da Diocese, com o objetivo de retomar o estudo sobre "Dinâmica de Grupos Populares"...

Outro relatório de uma reunião acontecida no dia 07 de abril de 1984, em Bodocongó - Campina Grande, com a presença de 24 pessoas, relata:

"... Depois da apresentação dos presentes, por equipes de trabalho, foi apresentado o objetivo destes encontros, e, em especial, do encontro do dia:

- contatos com todas as equipes de trabalho para estimular-nos e ajudar-nos a fazer, ao mesmo tempo, uma certa unidade na diocese;

- avaliação da caminhada do ano de 1983;

- apresentação dos novatos, suas expectativas e planos de trabalho".

Numa reciclagem dos agentes pastorais acompanhantes das CEBs ocorrida nos dias 14, 15 e 16 de maio de 1984, foram elaboradas e assumidas algumas propostas; dentre as quais:

"... A primeira e grande proposta é a articulação em diver

nos níveis: encontros nas paróquias entre os vários grupos e associações existentes; entre as comunidades existentes; até encontros de comunidades em nível da cidade e da diocese..."

"... Assumir os grandes desafios que a vida do povo coloca: a questão da saúde. Promover uma pastoral de saúde com grupos/equipes nas comunidades. Assumir a S.A.B. como órgão popular de defesa e luta pelos direitos..."

3. Quem são as CEBs em Aroeiras?

As CEBs em Aroeiras surgiram a partir de um trabalho iniciado por um pequeno grupo de cristãos leigos do próprio município: três jovens vocacionados; um casal e seus dois filhos; duas senhoras casadas que queriam assumir seu compromisso de batizados.

Em 1986, estas pessoas que já mantinham uma afinidade entre si e estavam muito preocupadas com o descaso da paróquia para com a realidade social local e mesmo o próprio trabalho de Evangelização, decidiram propor ao Vigário organizar o Serviço de Catequese na Paróquia. Este, aceitou imediatamente. Daí, por entenderem que necessitavam trabalhar articulados com a Diocese, buscaram conhecer melhor o projeto pastoral diocesano solicitando à Diocese uma assessoria.

A partir daí o grupo foi acompanhado no desenvolvimento da sua prática pastoral, por agentes pastorais das Coordenações dos Serviços Diocesanos e da Assessoria às CEBs, que forneciam subsídios, ajudavam na preparação de encontros de formação e discutiam com eles a pedagogia de trabalho com o Povo.

Assim, o grupo começou a participar de alguns encontros de formação em nível diocesano; a estudar; a refletir para compreender o projeto de Igreja de Campina Grande. Concomitantemente, deu início a um trabalho com pessoas de diversas localidades no sentido de formação de grupos de catequistas. O trabalho dos catequistas preparando crianças e adolescentes para o sacramento da Eucaristia levou, conseqüentemente, a um trabalho com os pais.

No campo de Aroeiras, já havia em algumas localidades capelas abandonadas, as quais eram visitadas com raridade pelo padre. Noutros lugares existia apenas o povo com uma forte tradição católica. Então, com o trabalho da Catequese, e pela Fé, o povo dessas localidades começou a se reunir para rezar, conviver e discutir os problemas da vida à luz da Palavra de Deus, nascendo desta forma as CEBs.

A Equipe leiga de Aroeiras que provocou o surgimento destas Comunidades Eclesiais de Base enfrentou muitas dificuldades e em níveis diferentes; tais como:

- No nível do Povo:

- . a mentalidade (visão) tradicional de Igreja, onde esta é percebida como algo da responsabilidade de padres, freiras e do Bispo;
- . a resistência do próprio povo em assumir seu papel na Comunidade;
- . o medo de discutir assuntos como: questão agrária, política, sindicato e outros...

- No Nível da Equipe:

- . a falta de tempo exclusivo para a pastoral. A Equipe exercia um trabalho voluntário. Todos trabalhavam muito para sobreviver; a maior parte dos integrantes não dispunha de uma renda fixa, os demais percebiam abaixo do salário mínimo (com exceção de uma pessoa);
 - . a falta de recursos. A equipe não dispunha de uma verba para suprir as despesas de subsídios, material para encontros de formação, transporte, alimentação e outras. Tudo era conseguido com muito esforço, através da partilha entre a própria equipe e animadores ou mesmo o povo;
- Outras dificuldades se deram ao nível da própria instituição Igreja: a postura conservadora e a prática tradicional de Igreja exercida pelo vigário causaram muitas situações de enfrentamento e um relacionamento conflitivo da Equipe com o padre.

À medida que foi crescendo nos membros da Equipe e também nos animadores a consciência de que Igreja é o Povo de Deus reunido assim como a compreensão da Missão do Leigo Cristão no mundo, os animadores foram adquirindo uma certa maturidade para conviver com o conflito.

Atualmente, as Comunidades Eclesiais de Base em Aroeiras correspondem a quinze localidades rurais ou vilarejos pequenos, que reúnem de 40 a 80 famílias. Estas famílias partilham entre si e se ajudam; vivem em comum seus problemas, suas alegrias e esperanças.

Nestes povoados como já foi frizado noutra parte deste trabalho, o povo já é portador de um profundo sentimento de religiosidade por tradição católica e assim vai se organizando em um grupo de cristãos que formam uma igreja viva feita dos seguidores de Jesus. Participam da Comunidade: adultos e velhos, crianças e jovens, homens e mulheres, estas, em número superior.

O povo se reúne em salões-capela ou no grupo escolar da comunidade. Onde não se dá as alternativas acima citadas, as reuniões da Comunidade acontecem numa e noutra casa, para refletir o Evangelho e rezar juntos. Sempre se faz referências a casos e proble-

blemas da vida real, procurando iluminar a vida com a Bíblia, para encontrar alternativas de melhorias para a vida, na Comunidade, como diz a animadora Joanes Marinho:

"... Participo da Comunidade há seis anos por interesse de dias melhores para a mesma".

As Comunidades têm suas diversas equipes animadoras que trabalham para o crescimento da mesma: ajudando todas as pessoas a participarem; não trabalhando sozinha; planejando o trabalho com a comunidade; distribuindo tarefas e dividindo responsabilidades; avaliando sempre a ação com a Comunidade; estando sempre atenta às necessidades da comunidade, sentindo seus problemas e mantendo ligação com outras CEBs; preparando bem as reuniões; formando outros animadores; enfim, fortalecendo a organização da comunidade.

Aos poucos, as pessoas vão entendendo que estão inseridas numa realidade social na qual devem viver e a qual precisam influenciar com sua ação e testemunho cristão. Este processo é lento. Muitos participantes têm uma visão distorcida achando que com Igreja, devem se fixar apenas em assuntos espirituais. Na caminhada começam a discutir, debater, e vão descobrindo o mundo da política, o sindicalismo, justiça social e outros pontos com os quais convivemos cada dia.

Uma grande dificuldade das CEBs em Aroeiras é a permanente renovação dos quadros de liderança. O êxodo e a luta pela sobrevivência leva muitos animadores, boas lideranças. Também surgem pessoas dispostas a colaborar - possíveis lideranças - o que de certa forma mantém animada a Comunidade. Os novos colaboradores - futuros animadores - surgem a partir de insistentes convites feitos pelas equipes de serviço da Comunidade, da preparação aos sacramentos ou espontaneamente.

4. Os Agentes Pastorais e o Processo Educativo nas CEBs

... O trabalho educativo nas CEBs se processa em dois momentos: reflexão e ação (21). A reflexão tem um caráter essencialmente educativo. "Consiste, em verdade, numa atividade teórica, visando o entendimento da realidade, a conscientização. É essencialmente um "ato de conhecimento" (22). Afirmam os teólogos da libertação que elementos como: diálogo, participação e comunidade compõem o contexto da parte propriamente educativa do trabalho popular.

(21) BOFF, Clodovis. Como Trabalhar com o Povo, 6ª Edição, Petrópolis, Vozes 1986, p. 59.

(22) Ibidem, p. 59.

Nas CEBs, o agente pastoral é uma parte específica do processo. "Ele tem o papel particular de facilitar a partilha ou a socialização do saber popular". "... O agente é um articulador: coordena as pessoas entre si e as pessoas com o assunto da vida (ou da práxis)" (23).

O método de reflexão com o qual se trabalha nas CEBs é o ver-julgar-agir do pensador católico José Cardijn. Esse método começou com a Ação Católica Especializada (no Brasil teve início na década de 50) e até hoje é usado nos documentos episcopais latino-americanos, na reflexão feita pela Teologia da Libertação e na Pastoral Popular como um todo.

Trata-se de um método simples.

O "VER", no primeiro momento da reflexão em grupo corresponde justamente a preocupação básica de "partir da realidade", ou seja: parte da vida tal como o Povo a sente. Do concreto da vida. Parte-se sempre da questão: "qual é o problema?", "quais são os maiores desafios sentidos pelo povo do lugar?", "quais as lutas?" etc.

O "JULGAR", nesse segundo momento, tem valor de analisar, examinar, refletir o que há "por trás" do que aparece, o que tem "por baixo" do que está acontecendo. O momento do julgar coincide normalmente com a iluminação de fé sobre o problema em questão.

O "AGIR", na reflexão, corresponde a elaboração das propostas de ação precedendo a ação concreta, como tal. "Para o agir, é da maior importância ater-se à regra da "ação possível", ou do "passo possível". Por outras: há que perceber qual é o "histórico viável". Não o que se "gostaria" de fazer. Nem o que se "deveria" fazer. Mas o que se "pode" efetivamente fazer" (24).

No processo didático-pedagógico através do qual se realiza a educação popular nas CEBs, alguns elementos são muito importantes como: objetivo, conteúdo, meios, técnicas e avaliação. Vejamos algumas considerações sobre cada elemento:

- Objetivo: o grande objetivo a ser alcançado é a realização do Projeto de Deus que é justiça, sociedade igualitária, enfim, uma sociedade nova para o "homem novo" e a "mulher nova". Mas cada pequena comunidade tem seus objetivos específicos que surgem a partir de suas necessidades, de seus interesses para resolverem seus problemas prementes e do contexto atual da região onde as CEBs estão localizadas.

- Conteúdo: as CEBs não estão isoladas do contexto social mais amplo. Fazem parte do conteúdo que é trabalhado na Educação Popular das Comunidades: o cotidiano, os acontecimentos, as experiên-

(23) Ibidem, p. 65

(24) Ibidem, p. 79. Clodovis Boff faz uma ampla exposição sobre a Metodologia da

cias vividas, as quais são retomadas e reelaboradas na forma de no vos conteúdos. O trabalho, a estruturação da sociedade, a forma de distribuição de rendas e terra, as Leis, a cultura, a história etc.

- Atividades: o aprendizado ocorre lentamente através das atividades que o povo faz: reuniões da comunidade para estudo, reflexão, reza ou discussão e encontros de animadores.

- Meios e Técnicas: utiliza-se os subsídios para ajudar a re flexão nas CEBs que são preparados na maioria das vezes, pelas diversas comissões de serviço da própria Diocese. Estas Comissões auxiliam a pastoral diocesana, tais como: Educação Política; CEBI diocesano (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos); Sacramentologia; Liturgia; História da Igreja; Eclesiologia; Comissão Pastoral da Terra; Pastoral da Saúde; Escola Teológica Popular e outras. Esses sub sídios são preparados em forma de cartilha e escritos em linguagem popular.

É uma preocupação constante para os agentes a questão metodo lógica. Utiliza-se largamente a dramatização; o juri simulado; o co chicho e outras técnicas de dinâmica de grupo. Explora-se bastante o potencial criativo do povo seja: versos, desenhos, músicas, fanto ches e outras formas. O importante é que todos expressem suas idéias e que seja criado um espaço para colher-se informações onde o povo possa construir sua história e sua identidade.

- Avaliação: é feita constantemente nas CEBs, sempre realizada depois de qualquer atividade desenvolvida pelas pessoas que se envolveram ou participaram da ação. Todos observam e se expressam sobre os pontos positivos e negativos. A avaliação é do processo, das atividades desenvolvidas, dos meios utilizados para a consecução dos objetivos propostos pelo grupo.

Portanto, o Planejamento é um exercício de organização sistemática da ação popular. Objetiva preparar os novos passos para uma atuação de maior qualidade e eficácia.

Pode-se dizer que a educação política do povo nas CEBs compreende duas fases: a primeira, volta-se para o estudo dos mecanis mos que geram a pobreza e a violência dos direitos humanos. Já a 2ª fase corresponde à organização e participação do povo nos sindi catos, no próprio partido político, associações, grupo de mulheres, assembléias populares tanto de caráter social como as de caráter eclesial, atos públicos, movimentos reivindicatórios etc.

Em Aroeiras nota-se uma aprendizagem que se processa lentamente e se expressa através dos gestos e das palavras das pessoas.

Em algumas comunidades há animadores que tornam evidente, pelo seu comportamento, uma postura política que caracteriza o cidadão consciente como abaixo transparece nos depoimentos dos animadores A, B e C:

A - "... Essa situação de pobreza que muitos dizem ser vontade de Deus, é criada pelos homens do poder. A gente sabe que essa pobreza não é vontade de Deus. Por isso, não tenho medo de me reunir com outras professoras para lutar por nossos direitos".

Animador B: "... Temos encontrado muitas dificuldades, mas temos obtido êxito e luto com a finalidade de minha comunidade ter dias melhores e mais conhecimento".

Animadora C: "... diante de tantos problemas, a gente começou a refletir nas celebrações, nos encontros de formação, aqui mesmo na escola, como a gente poderia mudar essa situação..."

Outras pessoas já não aceitam qualquer imposição. Questionam e reagem de uma ou outra forma, quer seja, na Igreja ou mesmo em outras instâncias da sociedade civil.

Na visão de Laura Maria Schneider Duarte "... o processo pastoral-educativo nas CEBs assume características próprias de uma educação permanente que possibilita a participação do povo como sujeito de sua história; uma educação facilitadora da organização popular, que leva o povo a descobrir mecanismos eficazes para a transformação social; uma educação libertadora que desperta o povo para algo melhor do que aquilo que tem sido a sua vida cotidiana" (25).

(25) DUARTE, Laura Maria Schneider. Isto não se aprende na Escola. A Educação do Povo nas CEBs. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984 p. 92.

III. A LUTA DAS MULHERES EM AROEIRAS ATRAVÉS DAS CEBs

1. Olhar Sobre a Realidade da Mulher em Aroeiras

Estudos feitos sobre a situação da mulher, no decorrer da história, mostram que sua situação foi, quase sempre, de subordinação e dependência do homem. Registram-se apenas algumas exceções, por exemplo, entre os sumérios, entre os egípcios e entre os etruscos que, em certas épocas, concederam um lugar igualitário as mulheres, permitindo sua participação legal, social e econômica.

A vida doméstica nunca foi considerada propriamente história, e, como o mundo da mulher e o do lar se confundem, a mulher também quase não teve história escrita.

Este quadro começou a mudar desde o início do Movimento-Feminista a partir do século XIX, com a revolução industrial. A tomada de consciência da alta exploração no trabalho fez a mulher empreender fortes lutas e exigir mudanças.

Numa primeira fase o movimento feminista buscou a emancipação da mulher exigindo direitos civis, admissão à cultura, acesso ao trabalho, direitos no âmbito sexual e familiar de tal forma que em 1948 suas exigências foram aceitas pelas Nações Unidas, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e completados com a Declaração de 1967, denunciando a discriminação da mulher.

"Durante as últimas décadas, milhões de mulheres, atuando em comum com outras forças progressistas, atraem a atenção da opinião pública, nos níveis nacional internacional, sobre seus problemas. Isto impulsiona as Nações Unidas a declarar o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, seguido pela Década da Mulher (1976-1985)..." (26).

Sabe-se, contudo, que o Movimento Feminista nasceu das mulheres da classe média, na maioria intelectuais dos Estados Unidos e Europa e que ao mesmo tempo que a mulher se liberta "persistem antigas formas de dominação como a miséria, o analfabetismo, a prostituição, a desigualdade salarial, o poder dominador do homem submetendo a mulher ao seu despotismo" (27).

Este quadro se evidencia sobretudo, na realidade das mulheres pobres do nosso país.

(26) CNBB. Campanha da Fraternidade 1990. Mulher e Homem: Imagem de Deus
Texto-base.

(27) Ibidem, p. 12.

Nas Comunidades do campo de Aroeiras a situação da mulher não é diferente da situação das mulheres pobres de todo o país ou mesmo da América Latina. A dominação do homem marca profundamente o relacionamento mulher-homem em muitas famílias.

O homem é o chefe da casa e tem mais direitos que a mulher.

O "machismo" é tão forte que ao homem cabe a iniciativa de uma relação sexual, a decisão sobre o número de filhos que o casal deve ter e chega a exigir fidelidade absoluta da mulher quando muitas vezes não é fiel ao compromisso de esposo.

Apesar da sobrecarga de trabalho que a mulher exerce: educação dos filhos; tarefas domésticas e ainda o trabalho no roçado ou noutra atividade que lhe garanta uma ajuda no orçamento familiar, ela tem seu lugar e função delimitados pelo homem. O poder marital é uma espécie de valor absoluto onde a mulher está submetida a autoridade masculina. A mulher camponesa de Aroeiras na sua maioria, é transformada em serva, reduzida, muitas vezes, à pura dimensão biológica.

2. Participação da Força de Trabalho Feminino na Economia

As mulheres que participam das CEBs de Aroeiras são, em maior parte, esposas, jovens e, também, em menor número, viúvas, mulheres abandonadas pelos maridos e moças solteiras que residem com os pais.

Nesta região, muitos homens são forçados a sair periodicamente para o sudeste do país (Rio de Janeiro - São Paulo), onde trabalham na construção civil e em ocupações consideradas "inferiores" ou subempregos para "sustentar" os que ficam, sejam: pais, irmãos mais novos ou a família como tal.

Diante deste quadro, as mulheres são obrigadas a assumir toda a responsabilidade da atividade agrícola, que é feita junto com os filhos menores: a preparação da terra (roçado), o plantio, o cultivo e a colheita. A pequena produção familiar é levada adiante com grande esforço e amor à terra, porém rudimentarmente, sem técnicas, mecanização e insumos. A administração pública municipal e estadual não traça uma política de apoio, incentivo e valorização à cultura de subsistência, no sentido de gerar as condições para uma maior produtividade destes pequenos proprietários e que lhes garanta a manutenção da identidade de pequeno produtor.

Outrossim, estas mesmas mulheres das Comunidades, quer trabalhem em seu próprio pedaço de terra ou não, ainda exercem atividades informais para completar a renda familiar sendo: costureiras, doceiras, vendedoras ambulantes, lavadeiras, feirantes etc.

Embora os órgãos municipais não registrem, sabe-se que o potencial de trabalho feminino é fundamental na produção de grãos (milho, feijão, fava) e mandioca do município.

3. A Luta das Mulheres pela sua Cidadania e Direito à Vida

Apesar de toda a situação de inferioridade, opressão, discriminação e violência na qual está submetida a mulher camponesa, principalmente, percebe-se que ela vem tomando consciência da sua realidade e já começa a se auto valorizar e a "lutar" pelos seus direitos como mulher.

Nas CEBs têm surgido grupos de mulheres onde elas começam a trocar experiências com as vizinhas, comadres, enfim, outras companheiras, sobre diversos assuntos que lhes dizem respeito, tais como: o machismo, a discriminação na sociedade, a opressão sexual, a saúde etc.

São inúmeros os casos de mulheres em que a participação na Comunidade contribuiu para uma postura questionadora e mesmo contestadora do autoritarismo na relação familiar (pais-irmãos-esposos) ou discriminações sofridas em determinados contextos, na sociedade civil. Esta descoberta do seu valor e dignidade começa a influir positivamente na forma de educar os filhos que passa a ser bastante diferente.

Um número significativo de mulheres professoras e animadoras das CEBs tem lutado por melhorias de condição de trabalho e salário justo junto à Prefeitura Municipal. Apesar de todas as tentativas e diversas estratégias montadas, empreendidas pelo poder local, para abafar as denúncias, o protesto das Mulheres se faz ouvir continuamente.

Várias tentativas vêm sendo feitas por parte destas mulheres para a criação de um sindicato que atenda a todos os funcionários públicos municipais de Aroeiras. Em julho de 1991 a Imprensa registrou o fato em que os funcionários reunidos, discutindo a sua situação, na Sacristia da igreja, foram surpreendidos por capangas do Prefeito numa ação proposital para intimidar estes trabalhadores dos quais a maior parte se tratava de mulheres professoras, ou merendeiras. Aconteceram ameaças e até agressões físicas registradas na Delegacia de Polícia local.

Neste processo de discussão e participação na luta pelos direitos sociais as mulheres vão alargando sua visão do mundo e compreendendo a realidade em que vivem marcada por contradições enor-

mes (28).

As mulheres, devagar, mas com firmeza, vêm se libertando do medo, opinando, assumindo atitude frente aos problemas e crescendo na co-responsabilidade para com a construção e a conquista desta cidadania que está em processo, como canta a poetisa popular anônima (29), neste versos:

Nova mulher
que se ergue na fé
buscando mudança,
gerando vida,
gerando ternura,
marcando esperança!

Mulher fortalecida
que está a se erguer
lutando pela vida!

Que começa a ter vez
que começa a ter voz
cantando a alegria:
De ser MULHER!
De ser MARIA! (29)

Atualmente, uma mulher animadora de Comunidade resolver se candidatar concorrendo a uma vaga na Câmara de Vereadores de Aroeiras. Na sua simplicidade ela explica as razões da sua decisão

"... Resolvi me candidatar a vereadora para lutar pela pobreza, pelos funcionários ajudando eles a reivindicar os seus direitos e ajudar o governo municipal a lutar pelo pobreza".

(28) Esta afirmação é feita com base em depoimentos de mulheres ao longo do acompanhamento que tenho feito às Comunidades e em recentes visitas as mesmas por ocasião da preparação à Assembléia da Paróquia a ser realizada no dia 30 de agosto de 1992.

(29) Fragmentos de Poema de uma Autora Popular Anônima. In: Relatório do I Inte-reclesial Diocesano - Seminário da Mulher - Campina Grande, 18 a 20/10/91.

C O N C L U S Ã O

As CEBs representam um dos espaços alternativos para uma educação libertadora e conscientizadora diante da caótica realidade educacional brasileira, onde o sistema vigente é individualista e competitivo, com prática tradicional, acadêmica e impositiva, além de excludente das classes populares.

Nas CEBs a mulher ocupa seu espaço. Calcula-se que 80% da liderança das comunidades são mulheres. No caso de Aroeiras este dado é evidente.

No conjunto nota-se que tanto a fé do povo como a do agente pastoral é o ponto central do trabalho que envolve as classes populares para que se realize uma eficaz educação popular nas CEBs.

Um grande desafio para as CEBs do campo, em Aroeiras e em todo o Brasil, tem sido o acompanhamento e a formação política das mulheres que já começam a sua militância.

Este processo e esta aprendizagem são lentos e se expressam através dos gestos e das palavras das pessoas.

Nas CEBs, muitos grupos de mulheres combinam a luta pela melhoria geral de vida, a fé e a construção de espaço próprio para a sua organização enquanto mulheres. Neste sentido estão construindo cidadania!

FONTES DOCUMENTAIS E LITERATURA

1. ARQUIVOS:

- 1.1 - Arquivo do Secretariado Pastoral da Diocese de Campina Grande - PB.

2. LITERATURA:

- BOFF, Clodovis. Como Trabalhar com o Povo. 6ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo. São Paulo, Círculo do Livro, 1986.
- CARDOSO, Ciro F.S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. 3ª Edição, Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. O que é Cidadania. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado, Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 2ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1981.
- DUARTE, Laura Maria Schneider. Isto não se Aprende na Escola - A Educação do Povo nas CEBs. 2ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1984.
- ECO, Humberto. Como se faz uma Tese. São Paulo, Perspectivas, 1983.
- FERNANDES, Dom Luís. Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base. 4ª Edição, Petrópolis, Vozes, 1985.
- FREIRE, Paulo et alii. Vivendo e Aprendendo - Experiências do IDAC em Educação Popular. 4ª Edição, Rio de Janeiro, Brasiliense, 1980.
- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo, Atlas, 1987.

PRIORE, Mary del. A Mulher na História do Brasil.
São Paulo, Contexto, 1988.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. A Gênese das CEBs
no Brasil - Elementos Explicativos. São Paulo,
Paulinas, 1988.

_____. Comunidades Eclesiais
de Base - Bases Teológicas. Petrópolis, Vozes,
1988.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et alii. A Pesquisa
em História. São Paulo, Ática, 1989.

EEEEEEEEEEEEEEEE